



**VI Colóquio de Epistemologia da Educação Física
Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos
Vitória-ES
13 e 14 de Dezembro de 2012**

**O DESPORTO E O HOMEM MÁQUINA:
UM OLHAR A PARTIR DO CORPO**

Elder Silva Correia
Tiago de Brito Ferreira Santos
Fabio Zoboli

RESUMO:

O presente escrito tem a intenção de analisar o corpo dentro do contexto do desporto de alto rendimento sob o viés da máquina, partindo do pressuposto de que o trato mecânico desse corpo é produto de toda uma ciência/técnica que tomou posse do mesmo, sobretudo a partir da Idade Moderna. Assim, o objetivo deste texto é apresentar a apropriação do corpo pela ciência/técnica e sua assimilação pela lógica capitalista estabelecendo um diálogo do mesmo com o desporto. No desporto de alto rendimento o atleta é muitas vezes, comparado a uma máquina, analisado apenas pela sua capacidade de performance.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpo, homem máquina, desporto.*

1. INTRODUÇÃO

Com a intenção de pensar o corpo no contexto do desporto este texto parte do pressuposto de que o corpo que veicula as práxis corporais nos moldes esportivos atuais é fruto de toda uma ciência/técnica que se apropriou do corpo principalmente a partir da Idade Moderna. Neste sentido, o objetivo do presente escrito é apresentar o corpo a partir da lógica mecânica propagada com a evolução das ciências e o advento do capitalismo. Para tal apresentação estaremos focados no desporto de alto rendimento que se apropria dessas ciências/técnicas para fundar sua práxis. Sob esta lógica cada vez mais no desporto de alto rendimento, o atleta/corpo máquina é visto e reduzido apenas pela sua capacidade de *performance*.

Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica veiculada no âmbito de iniciação científica pelo Grupo CEMEFEL/SE (Centro de Memória da Educação Física, esporte e lazer de Sergipe) na Linha “Corpo, cultura e Educação Física” da Universidade federal de Sergipe – UFS.

O texto se divide em duas partes:

Num primeiro momento o texto parte da Idade Moderna como elemento contextualizador das proposições aqui estabelecidas em torno do Corpo Máquina. Desta forma fazemos uso de concepções oriundas da mitologia grega e de filósofos como Bacon e Descartes, a fim de apresentar uma corrente da ciência que cada vez mais trata o corpo humano analogamente como uma máquina.

Na segunda e última parte do escrito, nos debruçamos sobre o campo do desporto e procuramos entender de que forma o desporto de alto rendimento se apropria dessa práxis que atende por uma lógica mecanicista em detrimento de resultados que condiciona o corpo/atleta a uma máquina.

2. O CORPO MÁQUINA

A Idade Moderna se caracterizou por grandes revoluções em termos de conhecimento em todas as áreas. O grande empenho e curiosidade dos cientistas e inventores em saber como funcionam e como fazer funcionar as máquinas, os relógios, as válvulas, dentre outros, fez também surgir a imagem de corpo humano como uma máquina complicada e complexa. A partir de então, o corpo humano passou a ser medido, dissecado, desenhado, enfim, passou a ser um grande objeto de experimentos.

No início da Idade Moderna, há um movimento de mudança nos modos de ver e pensar o mundo. Deus deixa de ser o centro do universo – teocentrismo – e o homem ocupa seu lugar – antropocentrismo. Para caracterizar essa permuta, o homem teve que tirar a natureza das mãos de Deus e então inventar técnicas para dominá-la e manipulá-la. Neste sentido não podemos deixar de destacar aqui Bacon, que foi fundamental na libertação da natureza do poder teológico; assim como também Descartes o qual foi peça chave ao libertar o homem da natureza (FENSTERSEIFER, 2001).

Nesse momento histórico, pode dizer de forma metafórica que Descartes rouba a razão do mundo das mãos de Deus e dá de presente aos homens, inaugurando assim a técnica mecanicista. Tal acontecimento assemelha-se ao mito de Prometeu.

Prometeu vai até Zeus e rouba o fogo para dar aos homens. Zeus, na sua ira, acorrenta Prometeu a uma rocha onde o condena a ter o fígado eternamente devorado por uma águia – como Prometeu é imortal, o fígado se regenera e novamente no outro dia a ave torna a comê-lo. Zeus também amaldiçoa os humanos por agora terem acesso ao fogo, dando de presente a Epimeteu – irmão de Prometeu – uma caixa que lhe foi entregue por Pandora. Dentro da caixa estão todas as mazelas humanas e, ao abri-la, Prometeu as espalha no mundo, restando somente no fundo da caixa a esperança.

Assim podemos dizer que Descartes fez o mesmo entregando ao homem a técnica. A partir dele, promovido pela ciência e pela visão mecanicista, o mundo e o homem foi visto como uma grande máquina, onde alguns anos depois a revolução industrial veio coroar essa visão. Nasce também o “filho forte e faminto” da ciência e da visão mecanicista: o capitalismo – primogênito que não parou mais de se desenvolver e expandir.

Nessa época, houve a preocupação em se explicar os organismos através das leis da Matemática e da Física, explicar a vida de forma mecânica reduzindo organismos vivos, inclusive o corpo, a um sistema de peças com lógica mecânica. Tudo que não era explicado por tais leis era considerado metafísico.

Mendes (2006, p. 71-72) enumera bem o desenvolver dessa visão mecanicista:

No século XIX, o modelo de máquina que influenciava a fisiologia mecanicista era o da máquina a vapor, utilizado por Lavoisier. A máquina animal é, então, considerada governada por três reguladores principais: a respiração, a transpiração e a digestão, diferenciando-se dos modelos dos relógios, como ocorria na fisiologia mecanicista do século XVII, quando os astros, as pedras e os seres estavam submetidos às mesmas leis do movimento. Até o século XVIII não existia uma fronteira definida entre os seres e as coisas. As forças físicas e não as mágicas explicavam os aspectos da fisiologia. Entretanto no século XVIII a fisiologia é influenciada pela química e incorpora o mundo das substâncias.

A constituição ontológica de corpo como máquina sem espírito autoriza a potencialização de um trabalho mecanizado, que permite a subordinação do homem à ciência e à técnica. Isso significa que se elege a técnica que resulta mais eficácia e rentabilidade, porém a custo de tratar o corpo somente sob esse ângulo instrumental, reduzindo-o à categoria de artefato mecânico.

O ser humano pensado como máquina, veio dar base para estudos da Biologia Humana, Fisiologia, bem como também a anatomia que desmembra o corpo, estudando o conjunto de peças (órgãos) a fim de estudá-lo melhor e explicar o todo como a soma das partes (FENSTERSEIFER, 2001).

O corpo é alvo de estudos nos séculos XVIII e XIX, fundamentalmente das ciências biológicas. O corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica - a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e a seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado, o que é igual a analisado (literalmente, "lise") pela racionalidade científica. Ciência é controle da natureza e, portanto, da nossa natureza corporal. A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica (BRACHT, 1999, p. 103).

As mudanças na concepção de ciências mudaram também os modos de se ver o humano. A ciência em relação ao homem máquina evolui a passos largos e já se pensa na eliminação do corpo humano, projeta-se a sua reconstrução até seu desaparecimento. A Engenharia Genética e a Robótica têm planos nesse sentido. “Muitos autores veem hoje com júbilo chegar o momento abençoado do tempo “pós-biológico”, ou “pós-evolucionista”, “pós-orgânico”... em suma, o fim do corpo” (LE BRETON, 2003, p. 16).

De um lado, o organismo – carne e subjetivação – que aos poucos se torna, em vários aspectos, “artificial”. Por outro lado, a máquina, um amontoado de engrenagens que aos poucos simula características humanas. Agrupadas, essas práxis mostram que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e fora dos signos sociais – linguagem. Não há sujeito sem cultura, nem cultura fora de uma estrutura mediada por saberes e relações de poder – sem tecnologia. Estamos imbuídos de práxis que nos constroem ao mesmo tempo em que somos (re)construídos por elas, no entanto, poucos entre nós estamos atentos em saber o que de nós é feito e o que em nós é desfeito.

Na menção de Guerra e Pey (1996), a *episteme* mecanicista serve de suporte epistemológico para justificar a utilização pelo corpo social, através do processo produtivo, desse tipo de representação para a dominação dos corpos, controlando, assim, a eficácia, a docilidade e utilidade desses corpos.

Aqui não se deve esquecer de que a visão mecanicista também proporcionou o desenvolvimento da humanidade, ajudando na medicina e na criação de novas tecnologias que vieram colaborar para resolver muitos problemas materiais da humanidade, ou pelo menos, parte deles. Também o que não pode ser desconsiderado é que neste século XXI todas as pessoas poderiam estar usufruindo dos infinitos bens oriundos do desenvolvimento técnico das ciências que lidam com o humano. Mas essa realidade ainda é utópica em vários sentidos, afinal há ainda uma parcela muito grande da população mundial que não tem acesso mínimo às condições básicas para uma vida com dignidade.

Também queremos defender que, por mais sofisticada que possa ser, uma máquina não pode ser comparada a um ser humano, pois ela é incapaz de reproduzir determinadas funções. A máquina é incapaz de reproduzir sentimentos e emoções. Além do mais, a máquina é incapaz de realizar a autopoiesis.

A visão fragmentada desconsidera o indivíduo como ser em constante interação com a natureza e o meio sociocultural, desconsidera a visão de complexidade e de auto-eco organização do humano. Além do mais, mecanismos não têm historicidade.

A apropriação do ser humano – sob a metáfora viva da máquina – por meio da ciência e da técnica o fez um imperativo do capital. A tecnologia transformou este ser em produto que impulsiona a produção de tantos outros. Toda essa relação entre ciência e tecnologia se dá em consonância com a racionalização do sistema de produção na sociedade regida pelas leis do capital.

Paralelo ao surgimento dessa nova ideia de homem, é emergente a construção de uma nova ética, com valores fundados em critérios no quais a condição humana seja preservada e não meramente a condição material que resulta somente na produtividade e rentabilidade. A tecnologia nos apresenta problemas éticos altamente delicados e que nos colocam muitas vezes na mesma situação de Édipo diante da Esfinge: “responda ou morrerás”.

O esporte ao fundar muitas de suas práxis na visão de humano como máquina, estabelece essa mesma realidade. Ela desconsidera o corpo real, o corpo histórico, o corpo que clama por respeito a sua essencialidade.

O homem/corpo máquina, bem como toda a visão fragmentada dele, está fortemente atrelada ao saber mecanicista de homem. Assim, no esporte, as engrenagens do homem máquina permanecem sempre bem reguladas a partir das engrenagens da ciência e do poder. Essas, por sua vez, se expressam em enormes engrenagens que alavancam instituições e perpetuam regimes de verdades... Engrenagens que fazem girar indústrias e dinheiro.

3. O HOMEM MÁQUINA E O DESPORTO

O esporte é herdeiro dessa ciência, ao mesmo tempo em que também faz uso, nos dias atuais, dessa evolução científica. O esporte atual – sob o viés do homem máquina – está repleto de cyborgues. Máquinas atléticas fabricadas e subjetivadas, magníficos seres orgânicos criados em laboratórios que podem ser também considerados filhos da ciência e do capitalismo. Uma fusão tensiva intercedida por uma luta de significados que transitam entre o poder e o prazer, ao mesmo tempo em que mediadas pela tecnologia.

Neste sentido, Kunzru (2000, p. 26) cita que:

Vencer os Jogos Olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo. Tem a ver com a ciborguização de atletas por meio de drogas para melhorar a performance. Com drogas ou sem drogas, o treinamento e a tecnologia fazem do atleta olímpico um nó em uma rede tecnocultural internacional tão “artificial” quanto o super corredor Ben Johnson no ponto máximo de consumo de esteróides.

A tecnização do esporte, fundada numa práxis que leva em consideração somente o ser humano como ser biológico a serviço de ideais produzidos pelo esporte casa-se perfeitamente bem com as práxis centradas num corpo que através do trabalho minucioso de diversos grupos musculares busca se adequar a um padrão do rendimento; num corpo que se submete a intermináveis sessões de treinamento a fim de quebrar os seus próprios limites numa competição desportiva; num corpo que repete uma infinidade de gestos mecânicos por horas e horas a fim de obter uma determinada *performance*; num corpo que se apropria de uma infinidade de instrumentos para aferir todo seu condicionamento e estado de rendimento.

Essa tendência abriga em seu bojo uma ontologia fragmentária, em que o homem é visto como cindido em si mesmo e separado do mundo. Tanto o

homem como o mundo são realidades em si, estanques e não visualizadas a partir de uma mútua relação. Na problemática do conhecimento, o homem é passivo do real, e o ato do conhecimento consiste em uma mera adequação do pensamento à realidade (GONÇALVES, 1997 p. 137).

O corpo é, nessa perspectiva, simplesmente utilizado enquanto algo biológico e mecânico, ficando destituído, em grande parte, de sua condição existencial e realidade humana. Se considerarmos a condição humana vamos perceber que há muitas realidades que não podem ser mensuradas nem compreendidas como simples fragmentos.

Nos treinamentos e práxis desportivas, o ser humano, muitas vezes, é vítima de uma ética sem sujeito, na qual seu corpo tem sido cada vez mais orientado e dirigido pelas leis de competição e mercado – material e simbólico. Nos valores do processo competitivo, por vezes, o respeito à corporalidade, a honestidade e outros atributos são valores secundários. O que importa é o quanto o sujeito é capaz de produzir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desporto ao incorporar uma visão mecanicista em sua práxis trata o atleta de maneira mecânica, de forma a abordar o ser atleta, sujeito com subjetividade inerente a sua existência, tendo essa sua condição, por vezes ignorada, em detrimento apenas de números e resultados. Isso parece muitas vezes ser cruel, mas que dentro do mundo subjetivo do ser/atleta, acaba sendo alvo de valor significativo, porém não deixa de ser uma arrogância à existência do ser humano, pois reduz ele apenas a sua capacidade de desempenho.

Com isso, não estamos aqui ignorando a estrutura biológica/motora do atleta/ser humano. Também não estamos nos opondo a uma corrente da ciência desportiva que cada vez mais busca assemelhar o humano à condição de máquina. Porém, aqui queremos salientar que o atleta acima de tudo é humano e que sua estrutura biológica é insuficiente para abordar a complexidade de sua *performance* enquanto atleta.

Por isso é preciso estar atento para que os hábitos – subjetivação/objetivação – que brotam através das práxis do desporto não se tornem neuroses – tortura para obter aquilo que se quer, para que os sujeitos não suprimam a saúde do “ser” contemplada sob o aspecto da multiplicidade e complexidade humana. A corporalidade humana pode passar a ser instância básica para se elaborar critérios éticos onde não só medalha e o recorde sejam vistos como fins em si mesmos.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas em educação física. **Cadernos CEDES**, v.19, n.48. Campinas, ago. de 1999.

FENSTERSEIFER, P. E. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

GUERRA, A. F. S; PEY, O. **Das tecnologias de poder sobre o corpo a vivência da corporeidade: a construção da oficina como espaço educativo**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC.

KUNZRU, H. “Você é um ciborgue”: Um encontro com Donna Haraway. *In* SILVA, T. T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. P. 19-37. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MENDES, M. I. B.S. **Mens sana in corpore sano: compreensões de corpo, saúde e educação física**. Tese de doutorado em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, 2006.